

PHILIPPE DESCOLA

OUTRAS NATUREZAS, OUTRAS CULTURAS



Philippe Descola (Paris, 19 de junho de 1949) é um antropólogo francês. Estudou filosofia na École normale supérieure de Fontenay-Saint-Cloud e etnologia na *École Pratique des Hautes Études*, onde defendeu sua tese, sob a orientação de [Claude Lévi-Strauss](#).

Há vários anos desenvolve uma reflexão sobre as relações entre natureza e cultura. Publicou *La nature domestique* (1986), *As Lanças do Crepúsculo* (1993) e *Par-delà nature et culture* (2005).

Em 2010 tornou-se membro da British Academy. Em 2012 tornou-se membro da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos. Em 2012 foi agraciado com a Medalha de Ouro CNRS.

Suas pesquisas investigam os modos de socialização da natureza, a formação das noções de natureza e cultura e as diferentes ontologias que daí derivam.

Outras naturezas, outras culturas

O antropólogo francês Philippe Descola nos convida a pensar sobre as muitas maneiras de conceber nossos elos e relações com o mundo ao nosso redor, com a relação dos humanos e não humanos, tendo como ponto de partida o estudo antropológico dos índios da alta Amazônia, na fronteira do Equador e do Peru, autodenominados Achuar.



*O livro é uma adaptação da conferência pronunciada em 3 de fevereiro de 2007, no teatro de Montreuil, nos arredores de Paris, e seguida de uma sessão de perguntas e respostas.

Entrevista de Philippe Descola em IFAL - Institut français d'Amérique latine



Entrevista de Philippe Descola, antropólogo

Septiembre 2018

Noções de Natureza e Cultura

De um lado tudo que se produz sem intervenção humana: mares, montanhas, estrelas, plantas e animais, atmosfera...

De outro, tudo o que é fruto do nosso engenho: ferramentas e cidades, artigos de lei, obra de arte...

A maior parte dos objetos que nos rodeiam, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situação intermediária: são culturais e naturais ao mesmo tempo (fome, relação com os animais domésticos, barulho dos objetos fabricados e utilizados pelo homem, passeio pelo campo).

Resumindo, entre os não humanos e os humanos existe uma diferença importante: os humanos são sujeitos que possuem direitos por conta da sua condição de homens, ao passo que os não humanos são objetos naturais ou artificiais que não têm direito por si mesmos. Talvez seja o modo mais comum de se fazer a distinção entre natureza e cultura – uma forma de pensar que nos ensinam na escola e que parece ter a evidência do bom senso.

Papel do antropólogo

A partir do inventário das maneiras do viver, das diferentes formas que existem em grande número e que são diferentes entre si, os antropólogos procuram descobrir por que, sendo tão próximos no plano físico, os humanos pensam e fazem coisas tão diferentes.

**"Questionar a
nossa maneira de
conceber a
relação dos
homens com os
animais e as
plantas" – não é
universal**

Achuar

- desconhecem a distinção entre humanos e não humanos, entre o que pertence à natureza e o que pertence à cultura;

Índios Cri (etnólogo inglês Adrian Tanner)

- a diferença entre animais e os homens é mera questão de aparência / maneira de tratar plantas e animais como pessoas ou sujeitos ao invés de objetos

Reungao (Planaltos do Vietnã Central / Missionário Padre Kemlin – Século XX)

- travam relações com os animais que para nós são reservadas apenas aos humanos

Aborígenes australianos

- se organizam segundo um sistemas totêmicos - conjunto de homens, mulheres, plantas e animais que pertencem a mesma espécie, pois possuem as mesmas qualidades morais e físicas (definidas de maneira abstrata pg. 19). Aqui tudo é natural e cultural, a um só tempo.

Portanto, para que se possa falar de natureza é preciso que o homem tome distância do meio ambiente no qual está mergulhado por meio de um movimento de recuo.

Antropoceno

O homem se fez então "mestre e senhor da natureza" (Descartes)

A natureza havia perdido sua alma e nada mais impedia de vê-la unicamente como fonte de riqueza

A partir do século XVII, na Europa, começou de fato a exploração desenfreada da natureza composta a partir de objetos sem ligação com os humanos: plantas, animais, terras, águas e rochas convertidas em meros recursos que podemos usar e dos quais podemos tirar proveito.

Inegável o desenvolvimento das ciências e das técnicas, mas também a exploração desenfreada da natureza.

Muitas culturas, como índios da planície da América do Norte, não souberam manter as relações com os habitantes não humanos e não conseguiram evitar essa pilhagem inconsequente do planeta, geralmente em situações de contato com outras civilizações, sobretudo quando uma técnica ou um novo contexto econômico subvertia os antigos hábitos.

Proposta antropológica/ontológica : Quatro formas de se conceber a relação com os não humanos (essencialmente com plantas e animais)

1. pensar que os não humanos possuem uma alma ou uma consciência idêntica à dos humanos, distinguindo-se pelo fato de terem corpos diferentes que lhe permitem viver em meios diferentes (Amazônia/ animismo);
2. pensar que os seres humanos são os únicos seres dotados da razão, mas que eles não se distinguem dos não humanos no que diz respeito ao aspecto físico (nosso caso);
3. humanos e não humanos compartilham qualidades físicas e morais idênticas que se distinguem de outros conjuntos de humanos e não humanos (Austrália);
4. Cada humano e não humano é diferente de todos os outros, mas é capaz de manter outras relações de analogia (maior ou menor, mais quente ou mais frio) [China e México].

Futuro depende de expansão da consciência planetária, diz Sidarta Ribeiro

Neurocientista defende que humanidade precisa sonhar e construir pacto baseado no cuidado para garantir sobrevivência



Eduardo Sombini

Geógrafo e mestre pela Unicamp, é repórter da Ilustríssima

A-

A+

FOLHA DE S. PAULO

ilustríssima conversa

Ilustríssima Conversa

depende de expansão da consciência planetária

00:00 / 40:09

Audio player controls including a play button, a progress bar with two bookmark icons, and icons for information, share, and search.



A antropóloga Hanna Limulja, autora do livro **O Desejo dos Outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami**, fala sobre a situação de emergência de saúde dos Yanomami

Internet de hoje nunca servirá à emancipação, diz Jonathan Crary

Em novo livro, crítico de arte defende um futuro com relações que não dependam do aparato tecnológico atual

Há um novo livro sobre o papel dos sonhos na cultura yanomami ["O Desejo dos Outros", de Hanna Limulja]. Esses sonhos têm um papel diferente do que exercem no mundo ocidental, não "explicam" quem você é ou porque você se comporta desta ou daquela maneira. São algo que permite aos yanomamis se conectarem aos desejos dos outros. Quando pensamos no início de "24/7", sobre os estudos para otimizar a capacidade de não dormir, é uma **bagagem cultural tão diferente**. Na maior parte da América do Norte, sonhar tem sido uma experiência irrelevante, completamente privada e individualizada. Freud foi apenas um dos muitos que recusaram a possibilidade de que o sonho pudesse ser entendido como algo maior que simplesmente o produto restrito a eventos reprimidos da infância.

A dimensão visionária e fortalecedora do sonho tem sido constantemente erradicada no Ocidente. Que sonhar possa fazer parte das formas pelas quais uma comunidade passe a entender suas próprias experiências, seu futuro, é algo impensável na maior parte do mundo ocidental.

Nos Estados Unidos, estamos agora vivendo o pesadelo de tiroteios em massa e ataques assassinos da polícia, e as pessoas estão ficando insensíveis à natureza suicida e assassina da sociedade em que vivemos.

Ao mesmo tempo, enquanto somos inundados pelo fluxo interminável de imagens na internet, estamos sendo despojados dos recursos de nossa própria imaginação, de nosso sonho coletivo e antecipação de caminhos que conduzem para fora deste presente.

Perguntas e Respostas



Antropologia

- **etnografia** (inventário)
- **etnologia** (estabelecer comparações em escala local)
- **antropólogo** (fenômenos mais amplos)

- compreender as diferenças culturais (os modos determinados de vida de uma sociedade/comunidade);
- oferece o testemunho das múltiplas soluções encontradas para o problema da existência comum;
- antropologia é filha da expansão colonial, portanto nasce da curiosidade pelo outro;
- Todos são conjuntos que possuem códigos próprios, regras e convenções, mesmo que não tenham uma língua própria;
- dizemos que os gregos (Heródoto) criaram a antropologia, mas foi somente no séc. XVI que a reflexão de **alteridade** se estabeleceu no mundo ocidental;
- conhecimento fornece uma maneira de tomar distância do presente para melhor entender o futuro;

Cosmologia X Ciência

Noções de ciência e distanciamento do mundo → ideologias ocidentais e construções culturais

Cosmologia → não é produto de uma atividade científica. É visão de mundo, a maneira como o mundo está organizado nas múltiplas formas.

A cosmologia é histórica.



Arte indígena cosmopolítica

Mundialização x uniformização

Num primeiro momento podemos dizer que a mundialização (ocidentalização generalizada) é uma uniformização dos modos de vida, mas leva a movimentos de reações fazendo surgir as diferenças.

Porém, esse movimento de vaivém entre uniformização e reações de defesa acaba produzindo um empobrecimento das diferenças:

- 1 - homogeneização nacional não se trata de uma globalização no sentido de universalização de certas práticas;
- 2 - grupos minorizados são obrigados a se adaptar às novas circunstâncias políticas mundiais.